

Nuevos rumbos en educación: información y formación

Chinchón - Madrid

Março de 1999

TEMA:

A educação e a sociedade da informação

Joaquim Azevedo

Síntese dos subtemas a abordar

1. Não vou perder muito tempo a descrever o que D. Bell chamou a "sociedade da informação", pois outros já o terão feito antes de mim. Precisaré apenas que uma coisa são dados, outra informação, outro conhecimento e outra ainda sabedoria.

Relembrarei apenas alguns aspectos que são úteis na economia da minha reflexão e que rodeiam o tema da sociedade da informação:

- o liberalismo económico expande-se por todo o mundo, sobretudo após a queda do Muro de Berlim (1989, o fim do século XX?), como uma ideologia global e aparentemente inapelável;

- as economias terciarizam-se, ganhando relevo crescente os sectores do comércio, dos serviços às empresas, dos serviços pessoais e dos serviços de saúde, novos serviços de informação e de telecomunicação, serviços financeiros,...);

- os microprocessadores favoreceram a emergência acelerada de novos processos técnicos, novos produtos, novos mercados e novos empregos (robótica, tecnologias da informação, biotecnologia,...)

- o modelo taylorista de produção evolui para novas configurações, sobretudo neo-tayloristas;

- assistimos a um novo dinamismo dos sectores de produção não-industrial de serviços e de bens imateriais (informação, marketing, design, publicidade, serviços financeiros, publicidade,...);

-muitas organizações e pessoas passam a ter um acesso rápido, à velocidade da luz, a informação pertinente e oportuna, on-line;

-mudam as tradicionais concepções de espaço e de tempo e altera-se substancialmente o uso do "tempo social".

2. Estes acontecimentos são normalmente descritos dentro de uma retórica técnico-económica muito optimista, de que se servem sobretudo os governos e os políticos. O discurso gongórico tem várias facetas. Abordarei algumas delas:

-hoje todos comunicam com todos e qualquer pessoa tem acesso à informação quando quiser, como quiser, onde quiser,...;

-a sociedade da informação está a arrastar o modelo dominante de produção para novas configurações, o pós-fordismo e o pós-taylorismo, um novo modelo de produção flexível;

-este novo modelo de produção está associado a um exercício profissional de tarefas mais amplas e complexas, valoriza-se mais a horizontalidade, o auto-controlo equipas de trabalho autónomas, a interligação das tarefas de concepção, controlo e execução, recorrendo-se mais a conhecimentos técnicos, teóricos e empíricos;

-esta nova realidade produtiva e económica baseia-se no uso intensivo do conhecimento e requer uma nova mão-de-obra, muito mais qualificada, capaz de se adaptar com mais facilidade às mutações permanentes, mais criativa e com mais capacidade de iniciativa própria (uma mente-de-obra?).

3. Raramente se critica esta visão optimista e muita da análise sociológica que nos rodeia toma esta retórica como um adquirido. Este discurso torna-se um senso comum.

4. A chamada "sociedade da informação" não se traduz apenas no acesso generalizado à informação, desde os meios de comunicação social, até ao telefone móvel e à Internet. Também faz parte deste tipo de sociedade:

-o acesso incontrolado à informação e ao lixo, pois a grande maioria da informação que se recebe não serve para nada, a não ser para se ter de esquecer (por substituição) e para se aumentar a dependência (a heteronomia);

-um esbatimento da hierarquia que existe entre as coisas (no limite, tudo é informação e tudo vale o que vale uma simples notícia, qualquer que ela seja): o valor relativo dos acontecimentos e das ideias é arrasado, tudo

fica plano e tudo vale o mesmo (as influências sobre as crianças podem ser mais perturbadoras no seu crescimento);

- o multiculturalismo é um valor e ao mesmo tempo uma retórica desculpabilizadora e legitimadora das desigualdades entre culturas e grupos sociais (todas as culturas são válidas, todas devem ser toleradas, cada uma nos seus limites próprios;

- uma enorme e inquietante fragmentação cultural, pois para muitos cidadãos ao mesmo tempo que aumentam as possibilidades de acesso à informação também diminuem as possibilidades de a ler, discernir e valorar (aprender a depender);

- uma grande desigualdade no acesso a estes benefícios culturais e económicos (só 3% das casas portuguesas tem acesso à Internet, por ex.);

- as políticas públicas ainda agora iniciam os processos de combate das desigualdades no acesso a estes benefícios sociais.

5. Prosseguindo o esforço da análise: o pós-fordismo é um dado da realidade, mas não abrange mais do que um segmento muito restrito da actividade económica actual:

- há uma sociedade imaginada e mundial que nos é "vendida" como avassaladora, mas ela não passa de uma pequena parte desta sociedade;

- mais do que pós-fordismo, o que nos rodeia, em Portugal, é o taylorismo e o neo-taylorismo;

6. Não se verifica, na realidade, que a economia seja actualmente requerente de uma mão-de-obra muito mais qualificada do que o era antes:

- a maior parte dos novos empregos criados são indiferenciados e não qualificados;

- a aprendizagem da utilização das chamadas "novas tecnologias" faz-se em cursos curtos, em poucas horas e com pessoal pouco qualificado;

- os empregos requerentes de qualificações muito elevadas são escassos. O mercado dos "analistas simbólicos" é pequeno e altamente competitivo;

- o maior volume de emprego de licenciados pode estar mais relacionado com o facto de eles estarem disponíveis aos milhares, nas filas de espera, do que com uma real necessidade ou exigência dos postos de trabalho disponíveis;

- a dualização dos mercados de trabalho é evidente e socialmente preocupante (pode mesmo vir a ampliar-se o fosso entre muito qualificados e os restantes).

O movimento das "novas competências" contribui para atribuir uma nova categoria a todos aqueles que não obtêm emprego: são incompetentes. Nesta sociedade de estatutos escolarmente garantidos, a escola tudo faz por os garantir.

7. Há um novo quadro em que se processa o acesso ao mercado de emprego e o seu funcionamento, que afecta toda a população, particularmente os mais jovens:

- cresce o desemprego, o desemprego estrutural aumenta e permanece e cresce a precaridade dos vínculos contratuais, sobretudo entre os mais jovens e entre as mulheres;

- aumenta a incerteza quanto ao trabalho e ao emprego: não se sabe quando se acederá ao primeiro emprego, quantas actividades se desenvolverão antes de aceder ao primeiro emprego, o que é que este emprego terá que ver com a formação inicial realizada, quantos empregos se terá ao longo da vida, quantas mudanças de profissão e de sector de actividade ocorrerão ao longo da vida profissional, quantos tempos de ócio e de não ócio (negócio) haverá ao longo da vida;

- cada vez é menos claro o que será o trabalho e o emprego, não só em termos de contrato com uma entidade patronal, mas também em termos de utilidade social, de remuneração, de realização pessoal.

8. A adaptabilidade, que se diz que a economia hoje requer que a escola fomente, será algo mais do que a adaptação a este estado de coisas?

9. A flexibilidade, a nova "buzzword" que aparece sempre ao lado da globalização, o que significa?

- flexibilidade laboral, de vínculos, de tipo de relação laboral, dualizando o mercado de trabalho;

- a flexibilidade pode ser um mar de oportunidades para uns, mas pode ser um oceano de ameaças para a maioria;

- a flexibilidade é parte de um processo histórico de alteração da sociedade e do trabalho, não é parte de um discurso geral e a-histórico;

- a flexibilidade, que faz prevalecer relações de trabalho baseadas no "contracto transaccional de curto prazo", é altamente desorientadora dos mais novos e dos menos qualificados, pois quem não encontra emprego é levado a interiorizar que isso acontece apenas porque não é suficientemente flexível.

O que são, neste contexto, os sistemas escolares flexíveis? O que quer dizer aumentar a flexibilidade curricular? A educação vai ter de cumprir o mandato

social de preparar a mão-de-obra para a adaptabilidade e para a flexibilidade laboral, tornando-se ela própria flexível e individualizante?

10. Acabaram-se os tempos das carreiras profissionais estáveis e entramos na era dos itinerários profissionais imprevisíveis, qualquer que seja a duração e o tipo de diploma obtido na formação inicial (embora haja importantes diferenças de estatuto e de percurso e os menos qualificados estejam excluídos do acesso a muitos benefícios sociais). Das trajetórias balísticas aos voos de borboleta, assim se cava um fosso entre modos de construir identidades.

Se os itinerários profissionais são imprevisíveis, então para quê especializar os jovens neste ou naquele domínio de formação? No limite, pode-se perguntar porque é que a escola não se concentra na sua missão de dar a todos uma boa formação de base, o mínimo cultural comum, fazendo isso bem feito (o que não está garantido em muitos países, nomeadamente em Portugal)?

11. Vivemos, é certo, tempos de transição cultural. A fragmentação cultural é vasta e profunda, estamos perante novos desfasamentos entre economia, cultura, sociedade e política. As incoerências entre estas facetas sociais parecem crescer sem controlo. Há uma aceleração da mudança social, a globalização não cessa de progredir, as novas técnicas de informação e comunicação não param de alterar o nosso quotidiano, a imprevisibilidade dos dias que se avizinham não pára de crescer, os esperados sentidos que assinalávamos à história desfizeram-se em bifurcações insuspeitadas. Neste contexto, pensar a educação e a formação torna-se tarefa muito complexa.

12. Vários mandatos sociais defluem sobre o terreno escolar (técnico-produtivos, sociais, culturais, políticos, éticos). Estes mandatos contêm contradições entre si. À educação escolar e à formação não resta o caminho único de esperar ou de seguir um ou outro, conforme o momento e o contexto. Impõe-se a busca de um quadro de multireferencialidade coerente, subordinado nesta coerência a uma visão política da educação e da cidadania. Aprender a ser e a viver juntos constituem novos desafios que a UNESCO veio reforçar.

13. Muitos governos enfatizam a necessidade de reforçar a formação "geral" dos cidadãos, uma formação sólida, polivalente, e empreendem reformas educativas para diminuir a especialização e reforçar a dita formação para

as "novas competências": adaptabilidade à mudança, iniciativa, espírito crítico, resolução de problemas, ...

Vale a pena interrogar estes processos reformadores para percebermos o que é que estamos a fazer quando reforçamos a formação "geral" e humanista. A perspectiva pode ser muito enriquecedora da educação e da formação, mas pode suceder também o contrário. Pode suceder, por exemplo, estarmos apenas a reforçar a formação geral académica, uma das muitas componentes de uma formação geral dos cidadãos, capaz de sustentar a sua integração social plena (ou seja, mais Estudos Sociais, mais Filosofia, mais História, mais Língua Estrangeira, isto é, mais "liceu"). Pode suceder, como eu defendo, que se esteja apenas a especializar o ensino e a formação em torno do paradigma do ensino académico, quando o desafio societal nos poderia levar muito mais longe).

14. Vejamos, então: discurso que sustenta normalmente estas reformas, idêntico em todos os países, é sustentado numa retórica económica -qualificação dos recursos humanos, fomentar a adaptabilidade diante das mudanças que ocorrem no mundo do trabalho, etc. -, cada vez mais fechada sobre o económico e cada vez menos política (ou seja, centrada sobre o cidadão e a polis, a sua realização e a dos demais cidadãos).

Seria bom saber que implicações pode ter para a educação esta tendência para que o discurso político se despolitize, economicizando-se, e para que o discurso educacional se reduza a uma retórica económica, na qual se inscreve muitas vezes a retórica optimista sobre a "sociedade da informação".

15. Por outra parte, os disfuncionamentos no acesso ao mercado do primeiro emprego e o facto de ser muito limitado o número de jovens que acede aos segmentos primários do mercado de trabalho (sectores competitivos, altas qualificações e elevadas remunerações) conduz a uma crescente competição dentro do sistema de educação e de formação.

As famílias dos vários grupos sociais alimentam estratégias de alcance das mais altas credenciais escolares, procurando por este meio aceder aos empregos disponíveis e, se possível, aos mais seguros e melhor remunerados.

Os problemas do mercado de emprego são também problemas dos sistemas escolares, e, dos alunos.

16. A retórica da sociedade da informação está habitualmente acompanhada pelo renovado tema da aprendizagem ou da formação ao longo da vida. As mudanças são vastas e são céleres, alteram-se profundamente os modos e os tempos de acesso à informação, os saberes adquiridos, por força das mutações socioeconómicas, obrigam a actualizações contínuas, a aprendizagem tem de se fazer durante toda a vida e a formação inicial é apenas a primeira pedra do edifício.

Mas, na realidade, os sistemas escolares públicos estão muito pouco preparados para equacionar estes desafios, prisioneiros do seu modelo secular e das suas habituais funcionalidades. A política ainda não chegou aqui, só a economia e o mercado.

17. A democratização do acesso à informação e a uma formação contínua de qualidade ao longo da vida constituem hoje desafios importantes para a coesão social das sociedades europeias. A educação talvez tenha aqui novos horizontes para o exercício de uma função social redistributiva de poder e de valor.

Através das políticas públicas de educação e de formação não será difícil democratizar o acesso às "novas tecnologias da informação" e a uma formação ao longo da vida (crédito formação/ caderneta profissional). Mas haverá certamente também muito a mudar nas nossas escolas, no modelo de formação inicial dos cidadãos, agora que essa formação é apenas a primeira pedra.

18. Ao lado da funcionalidade económica e técnico-produtiva, há outras funcionalidades a que as instituições de educação atendem: propedêutica de estudos posteriores, formativa e socio-política. Com que equilíbrios entre si?

A tensão e o conflito entre estas finalidades sempre existirá no palco das instituições educacionais. O problema estará em saber com que re-equilíbrio queremos desenvolvê-las nos dias de hoje.

19. Para além disso, também nos podemos interrogar ainda, na linha do que faz o relatório da UNESCO sobre a educação para o Séc. XXI, se aquilo que buscamos fora, ou seja, as funcionalidades que dão o valor ao acto público de promover educação para todos, não deveria ser trocado ou caldeado com aquilo que está dentro das escolas e constitui o seu tesouro escondido: as pessoas que habitam nos alunos.

As políticas públicas de educação, por força de estarem prisioneiras das suas hetero-referencialidades desenvolveram-se sob o signo da história e do sentido do progresso, assinalando à educação fins colectivistas e, em grande medida hetero-determinados. Ora, creio que não há qualquer sentido inexoravelmente igualitário, democrático e progressista nos sistemas educativos modernos.

E se as políticas públicas se voltassem para as pessoas, para cada um e cada uma daqueles e daquelas que povoam as nossas escolas? Mudaria alguma coisa? Se a escola enquanto função da sociedade desse o lugar à escola função das pessoas?

20. O modelo moderno de educação escolar, sempre na minha modesta opinião, não está preparado, nem estruturalmente, nem na sua teleologia, nem no seu funcionamento, nem na organização dos seus actores, nem nas suas práticas quotidianas de educação e formação, para fazer face aos novos desafios que uma nova cultura, inscrita numa velha/nova sociedade estão a requerer.

Que traços principais poderiam conduzir a uma mudança de paradigma e de modelo de escola pública?

Temos de reinventar as políticas públicas de educação, temos de reinstitucionalizar a educação escolar; só o debate e a procura social das palavras e dos conceitos novos é que nos poderão guiar.

O historiador Hobsbawm disse acerca dos anos 90 do nosso século: "quando [os seres humanos] enfrentam o que o seu passado não os preparou para enfrentar, as pessoas tacteiam em busca de palavras para dar um nome ao desconhecido, mesmo quando não podem defini-lo nem entendê-lo".